

SAMORA M. MACHEL

(1978)

PRODUZIR É APRENDER
APRENDER
PARA PRODUZIR
E LUTAR MELHOR



—colecção—
estudos e orientações

1

edição do departamento do trabalho ideológico
FRELIMO

**PRODUZIR É APRENDER.
APRENDER
PARA PRODUZIR
E LUTAR MELHOR.**

PREFÁCIO

Durante a luta armada de libertação nacional, a Frelimo editou uma importante colecção de textos da autoria do Presidente Samora Moisés Machel, intitulada "Estudos e Orientações".

Esta designação diz muito sobre o conteúdo e objectivos dos documentos nela incluídos. De forma clara e acessível, eles analisam aprofundadamente todos os principais aspectos e situações que o desenvolvimento da nossa luta determinava nas suas frentes militar, política, económica, social e cultural. No seu conjunto, esses textos sintetizam os princípios fundamentais da ideologia política da Frelimo.

Na fase actual da nossa Revolução, o conhecimento e estudo desses textos é indispensável para a construção da base ideológica necessária à construção da sociedade socialista, porque é através deles que melhor podemos compreender a realidade para a transformar.

Em primeiro lugar porque as orientações neles contidas foram determinadas pelas características próprias da nossa luta, da nossa Revolução e do nosso País. Visando a nossa realidade concreta na sua globalidade, essas orientações continuam a ser necessárias para a correcta compreensão e realização das nossas tarefas. Em segundo lugar, porque muitos dos problemas e situações que neles são analisados continuam a existir no nosso País, subsistem como outros tantos objectivos da nossa luta. Por último, porque eles constituem parte fundamental na definição da base ideológica do nosso Partido de vanguarda e isto significa que os seus princípios estão presentes na direcção de todos os sectores de actividade na República Popular de Moçambique.

Estas são algumas das razões que tornaram prioritária a reedição da colecção "Estudos e Orientações", que há muito se encontrava esgotada, a começar pelo seu primeiro volume: "Produzir é aprender, aprender para produzir e lutar melhor". Texto de reflexão e análise sobre as experiências adquiridas pela Frelimo nas zonas libertadas, ele sublinha a necessidade, a importância determinante e o significado político da produção colectiva na reconstrução nacional e sua interacção com todos os outros sectores da sociedade. Embora vivamos hoje uma fase nova e distinta daquela em que foi escrito, os seus ensinamentos,

directivas e conclusões surgem claramente como actuais e adequadas à nossa realidade presente. É a partir deles que hoje definimos a linha política e ideológica para os sectores económicos e sociais do nosso país.

Tal como todos os outros textos da colecção "Estudos e Orientações", ele é assim uma fonte inesgotável de ensinamentos, é um ponto de referência constante e obrigatório. O seu estudo, individual e colectivo, é pois um dever e uma necessidade para todos os cidadãos moçambicanos, em geral, e para os quadros e militantes do nosso Partido, em particular.

*Departamento do Trabalho Ideológico da Frelimo
Outubro de 1978*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da nossa luta de libertação nacional faz nascer muitas situações novas e problemas novos, que é preciso analisar e solucionar. Não só no campo militar, mas em todas as outras frentes em que a luta se trava: frente política, económica, social, cultural. A razão é que nós estamos a realizar uma verdadeira revolução, quer dizer, estamos a viver uma experiência nova, baseada num novo género de relações, diferente em muitos aspectos da realidade tradicional e absolutamente oposta ao sistema colonial. Assim não admira que surjam problemas novos relacionados com as novas concepções em muitas das fases do nosso trabalho.

Atendendo a esta situação, e para fornecer aos militantes e sobretudo aos quadros da FRELIMO elementos que lhes permitam melhor compreender a realizar com acerto as tarefas revolucionárias, a FRELIMO inicia aqui a publicação de uma colecção de textos intitulada «ESTUDOS E ORIENTAÇÕES». Esses textos conterão análises de questões fundamentais como a estratégia, a produção, a educação, etc., e sempre que necessário serão acompanhados de palavras de ordem da FRELIMO. Outras vezes serão análises históricas e respectivos ensi-

namentos, quer dizer, quais as lições que essa passagem da História nos ensina. Noutros casos ainda será a própria evolução da luta que determinará os temas a incluir.

Iniciamos esta colecção com um estudo do Presidente da FRELIMO, camarada Samora Moisés Machel, sobre a Produção. Este documento indica-nos a necessidade e importância da produção do ponto de vista económico e social, e seu papel na formação política e física dos militantes. Mas, mais do que isso, são aqui formuladas directrizes sobre a maneira como a produção deve ser organizada — em bases colectivas.

Este documento deve pois servir-nos de orientação imediatamente para os trabalhos do novo ciclo de produção agrícola.

Departamento de Informação e Propaganda

Outubro de 1971

Dentro de pouco tempo vamos começar a preparar as machambas para um novo ciclo de produção.

Para muita gente talvez a produção pareça um rito, uma necessidade, qualquer coisa que somos obrigados a fazer para comer e vestir.

É evidente que a produção deve satisfazer as nossas necessidades biológicas fundamentais, mas ela é necessária para nos libertármos da miséria, ela é necessária para melhor conhecer, dominar e utilizar a natureza, ela é necessária para nos formar politicamente.

Nós somos revolucionários, os nossos actos todos têm um sentido político, um conteúdo político. Por isso a nossa produção, além de ter um sentido e um conteúdo económico, tem um conteúdo político.

Na zona do inimigo, no capitalismo, no colonialismo, também se produz. Também o homem pega na enxada para ferir a terra. Também o homem na máquina da fábrica — que ainda não temos na nossa zona — constrói o objecto. No entanto, nós dizemos que a produção na zona do inimigo é exploração, enquanto que na nossa zona, a produção liberta o homem. Contudo, é a mesma enxada, o mesmo homem, o mesmo gesto de ferir a terra. Porque será então que existe esta demarcação?

Quase todos conhecem a arma G3. A arma G3 nas mãos do inimigo serve para oprimir e massacrar o povo, mas quando capturamos uma arma G3, ela torna-se um instrumento para libertar o povo, para

castigar os que massacram o povo. A arma é a mesma, o seu conteúdo mudou, porque quem se serve dela tem novos objectivos, novos interesses.

Um camponês moçambicano que produz arroz em Gaza, para que serve a sua produção? Serve para ele comer, para satisfazer as necessidades da sua família? Talvez, numa certa medida. Mas o que é certo é que com o que obtém da produção, ele tem que pagar os impostos coloniais, impostos que financiam a polícia que o prende, impostos que pagam o ordenado do administrador que o oprime, impostos para comprar a arma dos soldados, que amanhã vão expulsar o camponês da sua terra, impostos para pagar o transporte e instalação de colonos, que vão ocupar a terra do camponês. O camponês produz para pagar os impostos, o camponês pelo seu trabalho, financia a opressão de que é vítima.

Continuemos com este exemplo dum camponês que produz arroz. Ele para viver, precisa de outras coisas além do arroz. Ele precisa de roupa, ele precisa de azeite, ele precisa de muitas coisas que tem que comprar na loja. Para comprar precisa de dinheiro e o dinheiro não cai do céu. Quer isto dizer, que o nosso camponês tem que ir vender o seu arroz à loja ou companhia. Ele vende as suas coisas por preços baixos e compra por preços quatro a cinco vezes mais altos do que quando vendemos. Com um saco de algodão, fabricam-se muitos metros de tecido de algodão, muitas camisolas. No entanto, quando vendemos um saco de algodão, o dinheiro que recebemos por um saco mal dá para comprar uma só camisola. Quer isto dizer, que a produção que fazemos, o nosso suor combinado à terra, beneficia aquelas companhias, aqueles comerciantes que nada fizeram.

Na zona do inimigo estas são as formas mais suaves, menos cruéis de exploração. Há outras muito piores. Há a venda dos trabalhadores para as minas,

os jovens partem fortes para as minas. Muitos morrem nos desastres nas minas. Mais de 2.500 morrem nas minas por ano. Outros, não sabemos o número, voltam sem um braço, sem uma perna, os pulmões comidos pela tuberculose. Os donos das minas são dos homens mais ricos do mundo, o oiro tirado das minas é vendido a preços muito altos, mas quanto ganham os homens que morrem nas minas?

Ao longo do Zambeze, estão as ricas terras da Sena Sugar. A Sena Sugar ganha muitos e muitos milhares de contos por ano. Mas quem trabalha nas terras ricas, da rica Sena Sugar, quanto ganha? Nas minas de carvão de Moatize, nos palmeirais da Companhia da Zambézia, nas terras altas do chá do Guruè, em toda a parte, os homens moçambicanos cultivam machambas ricas, constroem prédios altos, fazem produzir fábricas de máquinas complicadas, mas em toda a parte, não é quem trabalha, quem sua por cima da terra, quem arrisca a vida na galeria da mina, não é esse quem beneficia do trabalho.

Na zona do inimigo, o trabalho determina a classe. Na zona do inimigo, o trabalhador pelo seu trabalho, dá riqueza a quem não trabalha e ganha a miséria para si.

Na zona do inimigo, o trabalho manual, o trabalho que cria tudo, é para os pobres, para os «brutos». Na zona do inimigo, o trabalho manual, o trabalho físico, pegar numa enxada, é para os “brutos”, os “selvagens”, os “analfabetos”. Quanto menos se trabalha, mais educado se é, quanto menos se trabalha mais civilizado se é, quanto mais se explora o trabalho dos outros e quanto mais se despreza os trabalhadores, mais respeitado, mais elevado se é na sociedade.

Quem pode imaginar um governador, um médico, um general, um banqueiro, com as mãos cheias de calos, os pés enterrados na terra, suando por baixo do sol

no esforço da enxada? Seria considerado desonroso, vergonhoso, baixo.

Na zona do inimigo em que os exploradores, como piolhos, vivem do trabalho dos explorados, nas escolas, na rádio, no cinema, em toda a parte, se ensina o desprezo pelo trabalho manual, a veneração pelos exploradores.

Na nossa zona é diferente. O trabalho não serve para enriquecer companhias e comerciantes, especuladores e parasitas.

O trabalho destina-se a satisfazer as necessidades do povo e da guerra. Por isso mesmo, a nossa produção é objecto de ataques constantes do inimigo.

Na nossa zona, o trabalho é um acto de libertação, porque o resultado do trabalho beneficia os trabalhadores, serve os interesses dos trabalhadores, isto é, serve para libertar o homem da fome, da miséria, serve para fazer progredir a luta. Porque na nossa zona abolimos a exploração do homem, porque a produção é propriedade do povo, ela serve o povo.

Assim produzimos para os nossos interesses. É o nosso interesse fazer crescer crianças sãs, libertas da doença, crianças fortes libertas da fome e do raquitismo.

Produzindo, contribuimos para alimentar correctamente as nossas crianças, o nosso povo.

Cultivando, produzimos alimentos ricos em vitaminas, produzimos a cenoura que tem vitaminas que reforçam a nossa vista, produzimos a mandioca com folhas ricas em ferro, produzimos uma infinidade de produtos, do milho ao tomate, do feijão à alface, que dão forças ao organismo, produtos que pela sua diversidade e riqueza própria, nos permitem beneficiar duma alimentação variada, que porque variada, não só é mais agradável como também nos fornece uma dieta mais equilibrada que por si mesmo, combate inúmeras doenças e nos torna mais resistentes. É de considerar ainda

que o esforço físico da produção, em especial agrícola, não só robustece os nossos músculos, enrijece o nosso corpo, como ainda, porque nos mantém em contacto com a natureza, nos mantém ao sol que nos dá as vitaminas (D e A) necessárias para a resistência do organismo, cria condições para gozarmos de uma saúde boa.

Por outro lado é através da produção, do seu desenvolvimento, e somente através da produção, que conseguiremos resolver as nossas necessidades crescentes. Em muitas regiões, porque conseguimos exportar para países amigos os nossos excedentes, atenuou-se o problema da roupa: o que exportamos, dá-nos meios para comprarmos o que ainda não produzimos.

As nossas necessidades em roupa, em calçado, em sabão, só serão solucionadas por duas maneiras: aumentando as exportações, aumentamos o que podemos comprar, esta é uma maneira. A segunda, mais eficaz embora a mais longo termo, é a de nós próprios produzirmos estes produtos.

Propositadamente falámos de tecido, de calçado e de sabão. A razão é simples: o nosso país, os nossos agricultores produzem o algodão com que se faz o tecido. A produção artesanal do tecido de algodão está ao alcance das nossas possibilidades. Nós possuímos as peles de vaca, cabritos e inúmeros outros animais, a partir das peles é que se produz o calçado. A produção artesanal do couro e do calçado está ao alcance das nossas possibilidades. Nós dispomos das matérias-primas vegetais com que se produz o sabão, as experiências realizadas em Cabo Delgado provam que estamos em condições de produzir sabão.

Por outro lado, o aumento da produção, através de um melhor aproveitamento dos nossos recursos — utilização do estrume, irrigação, desenvolvimento da horticultura, criação de animais, etc. . . . — é possível como provam as experiências realizadas em certas bases militares, e em centros pilotos..

A produção serve pois para solucionar os problemas essenciais duma alimentação rica para a saúde e para cobrir o conjunto das nossas necessidades. Por isso na nossa zona é honrado, é louvado quem trabalha, é criticado, é denunciado, é combatido e desprezado, quem quer viver explorando o trabalho dos outros.

Na nossa zona, porque o nosso combate é para libertar os trabalhadores explorados, é com orgulho que nós vemos as nossas mãos com calos, é com alegria que nós enterramos os nossos pés na terra. O trabalho na nossa zona, ajuda-nos a desenvolver a consciência da nossa origem, ajuda-nos a sentirmo-nos orgulhosos da nossa classe; ajuda-nos a liquidar os complexos, que os colonialistas e capitalistas queriam impor-nos.

Nós dissémos já que ao produzir estamos a aumentar ou reforçar a consciência da nossa origem, estamos a desenvolver a consciência da nossa classe. Devemos também dizer que estamos a unirmo-nos mais, a cimentar a nossa unidade.

Quando eu Nianja estou a cultivar lado a lado com o Ngoni, estou a suar com ele, com ele a arrancar vida à terra, eu estou a aprender com ele, estou a apreciar o seu suor, estou-me a sentir unido a ele. Quando eu do Centro com um camarada do Norte, com ele discuti como fazer uma machamba, como plantarmos e o quê, juntos fizemos planos, juntos combatemos as dificuldades, juntos tivémos a alegria de colher a maçaroca crescida pelo nosso esforço comum, eu e esse camarada ficamos unidos, amamo-nos mais. Quando eu do Norte, aprendi com um camarada do Sul a fazer a horta, a irrigar os tomates vermelhos e carnudos, quando eu do Centro aprendi com o camarada do Norte a fazer crescer a mandioca que desconhecia, estive-me a unir com esses camaradas, estive a viver, materialmente, a unidade da nossa Pátria, a unidade da nossa classe de trabalhadores. Estive a destruir com ele os

preconceitos tribais, religiosos, linguísticos, tudo o que era secundário e nos dividia.

Com a planta que cresceu, com o suor e inteligência que ambos misturámos à terra, cresceu a unidade.

Constantemente na FRELIMO nós falamos de produção. Ao nosso exército demos as tarefas de combater, produzir e mobilizar as massas. À nossa juventude demos as tarefas de estudar, produzir e combater. Constantemente nas nossas discussões, nos nossos textos, se fala da importância da produção, diz-se que esta é uma frente importante do nosso combate, uma escola para nós.

Vimos que a produção nos satisfaz as necessidades da vida e também nos liberta e nos une. Mas, não vimos ainda que a produção é uma escola. Que na produção aprendemos. Talvez algumas pessoas se surpreendam que nas nossas escolas os alunos consagram longas horas à produção, que o nosso Exército tenha essa tarefa. Essas pessoas talvez digam que é absurdo, que mais valia os alunos empregarem esse tempo lendo livros, tendo aulas, que a tarefa do Exército é combater e não produzir. Essas pessoas pensam assim, porque isso lhes foi ensinado pelos capitalistas e colonialistas.

Nós também aprendemos na produção.

Os colonialistas e capitalistas, porque não produzem e vivem da nossa produção, porque se pretendem sábios e dizem que nós somos brutos e ignorantes, nunca podem reconhecer que se aprende na produção, que a produção é uma das mais importantes escolas.

Mas nós sabemos que a produção é uma escola, que ela e a revolução, o combate, são escolas fundamentais.

Nós dizemos isso, porque estamos esclarecidos pela consciência e experiência da nossa classe.

As nossas ideias não caem do céu como a chuva. Os nossos conhecimentos e experiências não vêm dos

sonhos que temos a dormir. Sem nunca ter ido à escola, o nosso camponês analfabeto sabe mais sobre a mandioca, o algodão, o amendoim e muitas outras coisas, que o senhor doutor capitalista que nunca tocou numa enxada. Sem saberem ler, nós vemos que os nossos mecânicos conhecem mais profundamente o motor dum carro, como montá-lo, como repará-lo, como fabricar a peça quebrada, do que o senhor doutor capitalista, que nunca quis sujar as suas mãos com óleo do motor. Nós vemos os nossos pedreiros “ignorantes” os nossos carpinteiros e marceneiros “brutos”, desprezados pelos doutores capitalistas, fazerem casas lindas, móveis belíssimos, que o senhor doutor capitalista aprecia imenso, que o senhor capitalista ignora totalmente como fazer.

Isto mostra claramente, que é na produção que nós aprendemos.

Não aprendemos tudo duma só vez. Um prato de massa não se engole duma só vez, mas pedaço a pedaço.

O que aprendemos, fazemos, quando fazemos, vemos o que ficou mal. Assim aprendemos dos erros e dos sucessos. Os erros mostram a deficiência do nosso conhecimento, os pontos fracos que devem ser eliminados. Isto quer dizer, que é produzindo que corrigimos os erros, a produção é que nos mostra que este terreno para dar bom tomate, precisa de mais estrume e qual estrume, que ali precisa mais água. Foi fazendo as experiências que fracassaram que os nossos alunos aprenderam a fabricar sabão, foi fabricando o sabão, que eles melhoraram a qualidade do sabão.

Onde aplicar as nossas ideias? Como saber se as nossas ideias estão erradas ou estão certas? Não foi lendo no céu ou no livro que os nossos alunos descobriram os seus pontos fracos na fabricação do sabão. Não foi sonhando que em Tete se começou a produzir

mandioca, nenhum anjo desceu do céu para oferecer-nos uma horta em Cabo Delgado.

A produção é uma escola porque dela vem os nossos conhecimentos, é na produção que aprendemos e corrigimos os nossos erros. É indo ao povo, trabalhando com o povo, que aprendemos e ensinamos ao povo.

Se o nosso Exército não produzisse, como é que iríamos produzir mandioca em Tete, quando o povo desconhecia a mandioca? Se nos contentássemos em fazer discursos sobre a mandioca, seria que a mandioca havia de crescer? Como reforçar a capacidade de defesa da nossa produção em Tete, contra bombardeamentos, armas químicas e incursões do inimigo sem diversificarmos a nossa produção sem introduzirmos novos produtos e produtos resistentes à acção do inimigo? Como é que o povo poderá corrigir os seus métodos de produção, ver onde está bem e onde está mal, senão produzindo?

Nós costumamos dizer que aprendemos a guerra na guerra, o que quer dizer na realidade, que é fazendo a revolução que aprendemos a melhor fazer a revolução, é lutando que aprendemos a lutar melhor, é produzindo que aprendemos a melhor produzir. Podemos estudar muito, ler muito, mas para que servirão essas toneladas de conhecimentos, se não os levamos às massas, se não produzimos? Se alguém guarda sementes de milho na gaveta, será que vai colher maçaroca?

Se alguém aprende muito e nunca vem às massas, nunca vem à prática, ficará um compêndio morto, um gravador, poderá citar de cor muitas passagens de obras científicas, de obras revolucionárias, mas a sua vida inteira não criará uma só página nova, uma só linha nova.

A sua inteligência ficará estéril, como aquela semente fechada na gaveta.

Nós precisamos de aplicar continuamente, precisamos de estar mergulhados na revolução e produção para desenvolver os nossos conhecimentos e fazer assim progredir o trabalho revolucionário, o trabalho da produção.

Na zona dos colonialistas portugueses há mais sábios capitalistas, mais técnicos, do que na nossa zona. Só na cidade de Lourenço Marques, há mais engenheiros, mais médicos, mais agrónomos, mais professores do que em todo o Moçambique inteiro. Mas para que serve isso? Perguntamos ainda, onde foi mais gente vacinada, na nossa zona ou na zona do inimigo? É claro que foi na nossa zona, apesar de não termos médico nenhum, de não termos quase medicamentos. Antes, em Cabo Delgado, em Niassa, em Tete, o povo não sabia o que era o tratamento médico, apesar de o inimigo dispor de médicos, de medicamentos e milhares de contos para o orçamento da saúde. Apesar de todos os seus agrónomos e planos económicos, não foi o inimigo quem trouxe mandioca para Tete, ou hortas para Cabo Delgado, apesar de todos os seus ilustrísimos professores, não foi o inimigo quem criou escolas, laboratórios nas escolas primárias, quem começou a alfabetizar os adultos, etc. . . .

A ciência do capitalismo e colonialismo é estéril, é como a semente fechada na gaveta. É estéril porque está desligada das massas, ela é fundada no princípio que o povo é bruto, de modo que nada se pode aprender do povo, o povo é bruto, de modo que não vale a pena fornecer ao povo conhecimentos científicos.

A semente do conhecimento só cresce quando for enterrada na terra da produção, da luta.

Se tanto transformámos já no nosso País, se tantos sucessos obtivemos na produção, no ensino, na saúde, no combate, é porque continuamente estivemos nas massas, com elas aprendemos e a elas transmitimos o que aprendemos, continuamente na produção, no

combate e no trabalho, aplicávamos, corrigíamos, e enriquecíamos os nossos conhecimentos.

Mas não devemos estar satisfeitos.

Não basta aplicar. É preciso também conhecer, estudar.

A inteligência sem a prática, sem se combinar com a força fica estéril. A força sem a inteligência, sem os conhecimentos, fica cega, fica bruta. Um elefante é mais forte do que o homem, mas porque o homem é inteligente, apesar de pequeno, pode fazer um carro que carrega mais que qualquer elefante. Um homem não tem asas como um pássaro, mas porque possui a inteligência, pode fabricar aviões que voam mais alto, mais depressa, e mais longe do que qualquer pássaro.

Nós no nosso trabalho temos ainda muitas deficiências, que devemos e podemos corrigir. Essas deficiências resultam de uma aplicação insuficiente da inteligência no nosso trabalho. Todas as deficiências que temos podem ser reduzidas a dois pontos: deficiências políticas e deficiências de conhecimento científico.

Em muitos sítios podíamos produzir mais, melhor, com menos esforços, com maior segurança contra a acção inimiga. Não o fazemos, porque não assumimos integralmente a nossa linha política, porque trazemos fortes em nós o individualismo, a corrupção herdadas da sociedade velha.

Um homem e sua família, por muito enérgicos que sejam, por muito trabalhadores que sejam, não podem ao mesmo tempo cultivar muitas e pequenas machambas, isto é, dispersar o alvo para o inimigo, por outras palavras proteger a produção. Esse homem e sua família, não podem ao mesmo tempo estar a cultivar várias machambas que darão produtos diferentes e por isso, uma comida mais rica. É-lhe impossível organizar um sistema de vigilância e protecção de todas as machambas, de todos os celeiros, da sua casa e

povoação, contra as incursões e pilhagens do inimigo. Esse homem não pode estar a produzir e a fazer patrulhas em diferentes sítios, para vigiar o inimigo e impedir o ataque de surpresa.

Quer isto dizer que o individualismo, o espírito de propriedade privada, “eu tenho a minha machamba, o meu gado, tu tens a tua machamba e o teu gado, eu tenho o meu celeiro e a minha casa, tu tens o teu celeiro e a tua casa”, isso leva-nos a fracassos, leva-nos a perder o gado, a machamba, a casa e o celeiro.

O individualismo, o espírito de propriedade privada, é um espírito capitalista, divide-nos, enfraquece-nos. Se eu quiser dar um soco com um só dedo, parto o meu dedo e o meu adversário fica a rir-se de mim, mas se eu unir todos os meus dedos, com a mão inteira derrubo o adversário pelo meu soco.

Uma outra consequência grave das limitações no espírito colectivo na produção, das insuficiências dos métodos colectivos, é que isso impede-nos aprendermos uns dos outros, de beneficiarmos das experiências e conhecimentos mútuos. Quando trabalhamos colectivamente, podemos discutir colectivamente e juntos vemos erros e sucessos, juntos nos interrogamos sobre as causas dos sucessos e erros, juntos vamos aplicar e por isso corrigir o que aprendemos. Quando trabalhamos juntos e discutimos juntos criamos o progresso — nascem práticas que enriquecerão as ideias. Quando trabalhamos juntos há progresso, há iniciativa.

No passado, não havia progresso porque não discutíamos os conhecimentos e experiências. Os conhecimentos e experiências que nos eram dados pelos avós, tornaram-se doutrina, que ninguém discutia, ficávamos estéreis, sem iniciativa.

Quando fazemos as coisas, devemos discutir, para vermos o que é bom e o que é mau, guardar o milho e deitar fora a palha, separar o arroz das pedras. Tirar as lições de cada sucesso e fracasso, para enri-

quecer os nossos conhecimentos e, por consequência, o nosso trabalho. Mas quando agirmos individualmente, com quem vamos discutir, com quem vamos aprender, com quem vamos tirar as lições e aplicá-las? Aplicar as lições trabalhando individualmente, estamos a dar socos com um dedo só.

Devemos pois, responsáveis, quadros, combatentes e militantes, trabalhar com energia para fazer as massas assumirem e viverem o espírito colectivo, utilizarem métodos colectivos de produção, o que permitirá elevar o espírito de vida colectiva, por consequência elevar o espírito de unidade, de consciência de classe, de disciplina e organização.

Assumir uma consciência colectiva no trabalho, significa abandonar o individualismo e considerar que todas as machambas são nossas, do povo, todos os celeiros e casas, são nossos, do povo. Quer dizer, unir-me com os outros numa cooperativa, numa brigada de produção, juntos cultivamos, colhemos, juntos organizamos a vigilância, juntos protegemos o que pertence, não a mim ou a ti, mas a nós. Este campo não é meu, nem teu, é nosso.

O aluno na escola, o soldado na base, o doente ou enfermeiro no hospital, possuem uma consciência colectiva, ninguém considera aquela escola, aquela base, aquele hospital, como sua propriedade privada, é por isso que todos se interessam com muito entusiasmo em fazer progredir o trabalho daquela escola, daquela base, daquele hospital. O resultado é que há progresso, o trabalho avança, o inimigo não pode atacar com tanta facilidade.

Porque nessa escola, nessa base, nesse hospital, abandonamos o espírito de individualismo, o espírito de propriedade privada, porque assumimos uma consciência colectiva, estamos realmente a servir o povo, a desenvolver a luta, a melhorar as nossas condições

de trabalho e vida, estamos a unirmo-nos mais ainda, estamos a desenvolver mais ainda a nossa consciência de classe.

É por esta razão em definitivo que obtemos resultados superiores: onde existe espírito colectivo, estamos mais organizados, existe mais disciplina, existe divisão correcta do trabalho, existe também mais iniciativa, mais espírito de sacrifício, aprendemos mais, produzimos mais, lutamos melhor, com mais determinação.

A nossa direcção ao nível do Comité Central, deverá depois de uma discussão profunda com as massas e quadros, criar estatutos das cooperativas, quer na produção agrícola e artesanal, quer no comércio.

Ao mesmo tempo e em colaboração com as estruturas Provinciais e o Departamento de Produção e Comércio, o Comissariado Político deve-se esforçar por introduzir métodos de planificação e orientação da produção e comércio, racionalizando o trabalho para o tornar mais eficaz.

Outras insuficiências resultam do conhecimento superficial ou mesmo errado das leis que regem os fenómenos da natureza. São insuficiências no nosso conhecimento científico.

Muitas vezes perto do ponto de água — rios e poços — vivemos esperando a chuva para as machambas, quando temos ali a água que resolve os nossos problemas. Outras vezes andamo-nos queixando que a terra é pobre, quando desperdiçamos completamente os fertilizantes naturais, o estrume de animais e do homem, que enriquecem a terra. Possuímos as matérias-primas com que se fabrica o sabão e continuamos sem sabão, podemos produzir, fiar e tecer o algodão e continuamos sem roupa. Muitos exemplos podem ser dados, mas todos eles mostram que a falta de conhecimentos científicos faz de nós cegos, a solução do pro-

blema que enfrentamos está ao nosso lado e nós não vemos, não temos coragem da iniciativa.

Combatemos os nossos conhecimentos insuficientes, estudando, aprendendo, discutindo, aplicando.

Há companheiros que desprezam o estudo, porque ignoram o seu valor. O estudo é como uma lanterna à noite, mostra-nos o caminho. Trabalhar sem estudar, é andar às escuras, pode-se avançar, é certo, mas grandes são os riscos de tropeçarmos, de nos enganarmos no caminho.

Em certas bases, entre certos grupos de companheiros, criou-se o bom hábito de consagrar regularmente algum tempo ao estudo. Isto é bom, mas é insuficiente.

Queremos propor a todos os camaradas, a todos os responsáveis e quadros, que organizem entre si com as unidades, programas constantes e regulares de estudo. Que se consagre, de acordo com a situação, ao menos uma hora por dia para as actividades de estudo. O estudo deve ser organizado dentro do espírito de trabalho colectivo, de consciência colectiva, pequenos grupos, onde uns aprendem dos outros e todos juntos combatem a ignorância.

Nesta primeira fase, porque o nosso ponto de partida é bastante fraco, aconselhamos sobretudo que se consagre o esforço à elevação dos conhecimentos de base, em particular, a tarefa da liquidação do analfabetismo no seio das unidades e quadros.

O Comissariado Político, em colaboração com o D E C, trabalhando em estreita colaboração com as estruturas Provinciais, deve organizar o programa de luta contra o analfabetismo e a ignorância, de maneira que cada base da FRELIMO se torne também uma base de luta contra o obscurantismo.

Ligado intimamente a este programa, deve ser introduzido um outro, de seminários, que leve os nossos camaradas com conhecimentos científicos superiores —

agrónomos, engenheiros, mecânicos, sociólogos, enfermeiros, etc. . . . — a elevarem o nível geral dos conhecimentos dos responsáveis e quadros dum distrito, duma Província. Estes seminários devem ser seminários especializados, com temas precisos, como irrigação, higiene, construção de moinhos, introdução de novas plantas, introdução de novos métodos de produção.

Assim, os nossos camaradas poderão ligar o seu estudo científico com a prática e fazer elevar o nível do seu trabalho e do trabalho das massas.

Uma terra sem estrume dá plantas débeis, mas o estrume sem terra queima a semente e também nada se produz. A nossa inteligência, os nossos conhecimentos são como o estrume. É necessário misturar o o estrume com a terra, a inteligência com a prática.

O capitalismo, o colonialismo, porque precisam, para viver, da nossa exploração, devem-nos manter ignorantes e devem separar o conhecimento das massas, criar uma elite culta que não trabalha e só serve para melhor explorar a massa guardada na ignorância.

Nós dizemos que são os trabalhadores quem deve saber, quem deve governar, quem deve beneficiar do trabalho. Nós dizemos e praticamos isso. É por esta razão que a nossa Luta Armada se transformou em Revolução, é por esta razão que tudo está em constante transformação, é por esta razão que estamos a libertar a energia criadora das massas. É por esta razão, finalmente, que o inimigo nos odeia.

Nada existe sem produção, nada existe sem os trabalhadores. Os aviões e bombardeamentos, os crimes colonialistas, têm o objectivo de manter os trabalhadores a produzir para os capitalistas, mantê-los explorados. O alvo das nossas armas, o objectivo da nossa luta, em definitivo, é destruir a exploração do homem pelo homem, de que o colonialismo é hoje, a forma principal na nossa Pátria. O nosso objectivo é entregar a produção à capacidade criadora das massas.

Vamos entrar no nosso oitavo ano de guerra. No próximo ano vamos celebrar o X Aniversário da fundação da nossa Frente. Muito crescemos, mas para crescer mais, para responder às necessidades crescentes da guerra e do povo é fundamental que a nossa produção aumente em quantidade, em qualidade, que mais produtos sejam criados no nosso País.

A revolução liberta o homem, a sua inteligência, liberta o seu trabalho. Esta libertação manifesta-se pelo desenvolvimento dos nossos conhecimentos, pelo desenvolvimento da nossa produção, desenvolvimento que serve o Povo, que serve a luta.

Por isso, neste momento em que a nossa agricultura se prepara para iniciar um novo ciclo de produção, dizemos a todos os camaradas:

**PRODUZIR É APRENDER. APRENDER
PARA PRODUZIR E LUTAR MELHOR.**

A luta continua.

**Independência ou Morte,
Venceremos!**

COMPOSTO E IMPRESSO NA
SPANOS GRÁFICA, LDA
MAPUTO . MOÇAMBIQUE
EM OUTUBRO DE 1978

Na nossa zona, o trabalho é um acto de libertação, porque o resultado do trabalho beneficia os trabalhadores, serve os interesses dos trabalhadores, isto é, serve para libertar o homem da fome, da miséria, serve para fazer progredir a luta. Porque na nossa zona abolimos a exploração do homem, porque a produção é propriedade do povo, ela serve o povo. Na nossa zona, porque o nosso combate é para libertar os trabalhadores explorados, é com orgulho que nós vemos as nossas mãos com calos, é com alegria que nós enterramos os nossos pés na terra. O trabalho na nossa zona ajuda-nos a desenvolver a consciência da nossa origem, ajuda-nos a sentirmo-nos orgulhosos da nossa classe, ajuda-nos a liquidar os complexos, que os colonialistas queriam impor-nos.

Há companheiros que desprezam o estudo, porque ignoram o seu valor. O estudo é como uma lanterna à noite, mostra-nos o caminho. Trabalhar sem estudar, é andar às escuras, pode-se avançar, é certo, mas grandes são os riscos de tropeçarmos, de nos enganarmos no caminho.

Nós costumamos dizer que aprendemos a guerra na guerra, o que quer dizer na realidade, que é fazendo a revolução que aprendemos a melhor fazer a revolução, é lutando que aprendemos a lutar melhor, é produzindo que aprendemos a melhor produzir. Podemos estudar muito, ler muito, mas para que servirão essas toneladas de conhecimentos se não os levamos às massas, se não produzimos? Se alguém guarda sementes de milho na gaveta, será que vai colher maçaroca?

Quando eu Nianja estou a cultivar lado a lado com o Ngoni, estou a suar com ele, com ele a arrancar vida à terra, eu estou a aprender com ele, estou a apreciar o seu suor, estou-me a sentir unido a ele. Quando eu do Norte, aprendi com um camarada do Sul a fazer a horta, a irrigar os tomates vermelhos e carnudos, quando eu do Centro aprendi com o camarada do Norte a fazer crescer a mandioca que desconhecia, estive-me a unir com esses camaradas, estive a viver, materialmente, a unidade da nossa Pátria, a unidade da nossa classe de trabalhadores. Estive a destruir com ele os preconceitos tribais, religiosos, linguísticos, tudo o que era secundário e nos dividia. Com a planta que cresceu, com o suor e inteligência que ambos misturámos à terra, cresceu a unidade.

